

## Documentos fundadores do Arco Maior (nº 1)

### Uma jangada de jovens à deriva na cidade

*“Se, mesmo assim, falharem as respostas que existem instituídas, é preciso criar outras, muito mais flexíveis e abertas à inspiração humana, instituídas sob o signo do máximo cuidado e da máxima atenção a cada pessoa que mora em cada aluno, a cada situação envolvente, e dirigidas à edificação de novos projetos de vida, que só os próprios podem construir, passo a passo, com muita paciência, resistência e determinação. Temos tantos técnicos tão capazes de o fazer, que já o fazem e que o podem fazer ainda melhor! É só incentivar e proporcionar os meios!” (Azevedo, 2010).*

O Porto é uma cidade pequena, se comparada com outras grandes cidades europeias. Aqui, perto de duzentos adolescentes e jovens, todos os anos, ficam sem qualquer resposta educativa escolar e andam institucionalmente perdidos pela cidade, geralmente em bairros e em famílias de poucos recursos económicos; caíram por entre a malha ou da rede de “proteção social” ou “vinculação social”, não por acaso, mas porque esta rede falhou (a rede e não apenas a escola a ou b). Ou melhor, a comunidade é que falha e é preciso pensarmos sobre os porquês. Eu não posso viver nesta cidade do Porto, saber que temos cerca de duzentos adolescentes por ano sem qualquer resposta educativa adequada e permanecer indiferente. Temos de ficar diferentes e agir. Recursos, felizmente, não nos faltam. Falta-nos mais frequentemente outra coisa: inteligência coletiva, conhecimento partilhado e construção de novas propostas no espaço público.

As instituições falharam porque estão demasiado entretidas consigo próprias e com os seus egos (as suas normazinhas, os seus estatuzinhos, o seu pessoalzinho, os seus objetivos e metas, muito importantes...); e ouve-se dizer: “se há crianças e adolescentes que se perdem pelo caminho, pois paciência”; “se passaram de jovens em risco para jovens “riscados”, problema deles, que tivessem aproveitado as oportunidades que tiveram, é a vida!” ou ainda “Que havemos de fazer? Sempre foi assim e antes até havia muito mais gente que não estudava e isso nunca foi um grande problema!”.

As instituições escolares que agora são chamadas pela sociedade a acolher todas as crianças e jovens até aos 18 anos (em Portugal, a escolaridade é obrigatória até aos 18 anos e até ao 12º ano de escolaridade) são as mesmas que antes acolhiam apenas os que tinham quem olhasse por eles, os enviasse às escolas e os acompanhasse em casa, ainda que com algumas dificuldades, em alguns casos. Agora, no momento em que todos para lá vão ou são enviados (e até empurrados), mesmo os que não querem nem estudar, nem trabalhar, e os que nelas não encontram o necessário e adequado acolhimento, é preciso que as instituições se renovem, alarguem as suas portas, abram e façam crescer os arcos dos seus umbrais, para poderem conhecer, reconhecer, acolher e promover cada um e todos.

E não basta querer, não basta incluir isso nos ramalhetes dos bonitos “projetos educativos”, onde está tudo escrito e onde pode não estar ninguém, é preciso fazê-lo, com coragem e persistência, mas fazê-lo. A cidade tem de ter resposta para estes jovens que quase todos abandonam e onde, eles mesmos, acabam por abandonar quase todos. Por isso nós temos dito e escrito por aqui: Arco Maior, a cidade tem resposta para o abandono escolar precoce!

### Uma resposta-proposta socioeducativa e sociocomunitária

Estamos conscientes de que estamos a criar um tipo de proposta socioeducativa que já deveria ter sido há muito criada, que faz muita falta à sociedade atual, porque ela constitui talvez a única resposta adequada para centenas de adolescentes perdidos nas suas vidas, porque em grande medida deitados a perder pelas instituições que para eles deveriam ter sido a referência e o pronto e irrefutável acolhimento, que para eles têm de constituir uma irrecusável ocasião de desenvolvimento pessoal. É assim: chegamos sempre atrasados junto dos que mais precisam. Temos de ir e, com alma aberta, humildade, para ouvir, dar, apreender.

Precisamos de integração e cooperação, não de seletividade e de exclusão. Essa mudança de paradigma ainda não chegou ao coração nem às práticas de muitas das nossas instituições de educação escolar. E teima muito em chegar! Porque o problema está na cabeça de quem dirige as instituições, a nível de topo e intermédio, antes do que em quaisquer outras pessoas e instituições. Estas pessoas-dirigentes ainda não mudaram de paradigma, embora muitas tenham a boca cheia de “progressismos” e de várias ideias com tonalidades salvíficas!

É mesmo preciso fazer crescer os arcos dos umbrais das escolas, para criar um arco maior! As cabeças limitadas de alguns dos nossos dirigentes de escolas e de centros de formação, há muito se deveriam ter

unido para criar este tipo de respostas socioeducativas, para que todos as possam ter um lugar e um lugar com sentido para cada um e, por isso, com qualidade!

Hoje criamos este centro socioeducativo, amanhã serão necessários outros; a cidade precisa de mais respostas deste tipo, que partem em socorro dos que abandonaram e foram sendo abandonados e que hoje são adolescentes e jovens que se encontram aflitos; eles são pessoas que estão nessa difícil e bela idade de busca incessante, a idade de soltar fios e cordas que têm, com a nossa ajuda, de se transformar em laços e em nós.

Começámos a encontrarmo-nos já em 2010, várias instituições da cidade do Porto, sob a iniciativa das Comissões de Proteção de Crianças e de Jovens em Risco-CPCJ (há três, no Porto, reunindo todos os parceiros com ação preventiva nesta área), que me pediram para tomar a iniciativa de as convocar a todas, após um encontro com o Juiz-Conselheiro Armando Leandro, que dirige estas comissões, a nível nacional. Após três anos de trabalho e de sucessivas tentativas frustradas de lançamento do projeto, lá nasceu o Arco Maior.

Pedimos instalações a uma instituição, a Santa Casa da Misericórdia do Porto ofereceu-as, sugerimos ao Ministério da Educação que estivesse dentro deste tipo de resposta-proposta, que nos colocou um Agrupamento Escolar em nosso apoio, dando os docentes e atribuindo parte do seu horário como trabalho neste projeto, envolvemos a Universidade Católica e o IEFP e avançámos. A identificação e seleção dos jovens seguiu um trabalho de vários meses, feito por dois professores junto das referidas CPCJ e de várias instituições sociais, que trabalham em cada freguesia e em cada bairro social da cidade (estes dois professores do ensino secundário, o Antero Afonso e a Isabel Lagarto, tinham sido destacados para a Universidade antes do projeto arrancar).

Em Setembro de 2013, o Arco Maior iniciou as suas atividades formativas regulares, com vinte jovens, entre os 17 e os 22 anos. Estes primeiros três anos foram muito difíceis. Hoje não se veem, mas constituíram a parte escondida do iceberg, o que ninguém vê. Foi duro resistir na sombra, sem luz. Foi como uma pequena planta que, durante uma extraordinariamente longa noite, diante de adversidades várias (parceiros que tudo prometeram e falharam, instalações disponíveis que apareceram ocupadas, etc.) encontrou pequeninos raios de luz, que apenas trespassavam por entre as frestas das portas e janelas, e que com eles sobreviveu, consumindo pouca energia e preparando-se prudentemente para os dias de luz. É nesses que hoje estamos. Porque cada um destes vinte jovens transporta uma luz ad



### **Estes são jovens como tantos outros: querem recomeçar.**

Um dia, enquanto negociava com o Ministério da Educação para encontrar formas concretas de fazer nascer o projeto, uma dirigente da administração retorquia-me: “mas estes jovens são *não-alunos*, eles não estão em nenhuma escola e já não constam das listas de nenhum centro de formação!”. É verdade,

não são alunos, mas ainda são pessoas e encontram-se com a vida estroncada, entre outras coisas porque se encontram impossibilitados de exercer uma atividade profissional formal, uma vez que não possuem o 9º ano de escolaridade.

Os adolescentes experimentam hoje, mais do que os tradicionais ritos de passagem, aquilo que Carles Feixa chama as “ritualizações do impasse”. Eles desenvolvem percepções, mirando os seus amigos jovens, sobre o que os espera, um pouco mais adiante, a saber, o *pais do nunca mais*: nunca mais acaba a formação inicial e nunca mais sou livre para seguir a minha vida; nunca mais consigo sair de casa dos pais; nunca mais tenho o meu dinheiro, nunca mais encontro trabalho; nunca mais compro casa, nunca mais consigo casar,.. nunca mais...

Vários grupos juvenis respiram hoje a inquietação e a angústia deste tempo, a crise e a incerteza que o envolve, mergulhados no presente, um tempo com muito pouco futuro dentro dele, ao mesmo tempo que tem cada vez menos passado e memória. O tempo presente tem uma tal complexidade, intensidade, vertigem e inquietação que tende a dominar todo o tempo possível, tornando-se o tempo todo. Este tempo, para estes cidadãos vive-se sobrevivendo, recorrendo aos mais “anormais” expedientes: consumos de drogas, fugas do real, roubos e outros delitos, um presente típico de quem tem pouco a perder.

Vários grupos juvenis experimentam alguma dificuldade (bem maior para os mais pobres e oriundos de famílias de débil capital cultural), em afirmar a sua autonomia e responsabilidade, vivendo muitos deles difíceis processos de afirmação pessoal e identitária e de construção de projetos de vida e de cidadania, inventando-se como atores sociais.

A pertença desenvolve-se para muitos através do consumo e de várias expressões de adesão cultural, com destaque para as “redes sociais” virtuais e para a música, forma privilegiada de diálogo dos jovens de hoje com o mundo. Para outros restam os consumos de substâncias aditivas, a fuga a uma realidade que tem pouca realidade que valha a pena viver, restam os roubos e os pequenos delitos, a desvinculação social e o desinteresse. Muitos deles têm pais ausentes, presos, violentos, alcoólicos. Vivem para sobreviver.

Grave é que, por cima de tudo isto, nem as escolas nem os centros de formação da cidade sejam capazes de responder às necessidades de integração social e às educativas básicas destes adolescentes. As instituições esgotam-se em múltiplas trapalhadas, antes de serem capazes de resolver o que é básico.

Como Cecilia Braslavsky dizia em Madrid, em 2004, acerca dos jovens que chegam às suas escolas e disparam a matar, sobre colegas e professores, com inexplicável violência, os jovens que aqui acolhemos apresentam cinco dimensões que fazem parte da “possibilidade de serem felizes” (palavras suas): a possibilidade de dar uma explicação à sua própria vida e ao mundo; a autoestima e a estima pelos outros; a possibilidade de realizar um projeto de vida; a posse das capacidades para levar a cabo esse projeto e as estratégias para se vincular com os outros. Tu dizes mesmo que os sistemas educativos deveriam ser avaliados, na sua qualidade, em função destas mesmas dimensões.

Tivemos uma visita recente de uma equipa de reportagem da agência portuguesa de notícias. A jornalista, no final da visita, afirmava, bastante estupefacta, que as relações dos professores com estes jovens estavam marcadas por muita ternura. Pois, como poderia ser de outro modo? Porquê o escândalo?

Muitas vezes dou comigo a pensar que a nossa liberdade é antes de mais o poder que temos de renunciar aos caminhos feitos, que todos seguem, afirmando-os e reafirmando-os, a gritar se for preciso. Estes várias vezes, por inadequados, conduzem à desgraça. Somos livres de ir por outro caminho, mas nem sempre estamos disponíveis para o fazer. Mesmo em condições bastante adversas, há professores que ensinam bem e com bons resultados; para a mesma conferencista “há duas chaves para que isso aconteça: o seu profissionalismo e a sua fortaleza ética”. Juntos, num trabalho semanal reflexivo e cooperativo (“ninguém pode nada sozinho”), é isso que vamos fazendo.

## **O que define este projeto socioeducativo que tem uma porta maior?**

Cinco princípios norteiam o nosso projeto, conferindo-lhe um sentido: o diálogo, a largueza, a ternura, a autonomia, a familiaridade e a liberdade

### **O diálogo**

*O diálogo* interinstitucional e interprofissional constitui a antecâmara da cooperação. Sem cooperação entre os diversos profissionais e as diferentes entidades será impossível criarmos uma resposta de qualidade para cada adolescente. Os problemas que eles transportam, travestidos tantas vezes de roupagens escolares, são, as mais das vezes, espelhos de dramas familiares, socioeconómicos, culturais. Esta cooperação é exigente, porque requer uma postura de abertura e construtiva, de reconhecimento

mútuo entre os profissionais e entre as instituições. Requer humildade pessoal e institucional e a consciência clara de que sozinhos podemos pouco e de que juntos, mesmo assim, pouco podemos, se não formos capazes de despoletar a determinação de cada um dos que nos procuram e a quem buscamos.

#### A largueza

*A largueza:* funcionaremos sempre em casas de pedra e tijolo, mas seremos uma dinâmica socioeducativa elástica, plástica, de porta larga, com o maior arco que se avista, capaz de acolher cabeçudos, atarantados, revoltados, com revoltas pessoais do tamanho da maior praça da cidade, adolescentes desiludidos, perdidos, frustrados, gente de braços grandes e gente sem braços, de pernas agigantadas, de olhos quadrados e de dedos mínimos, de barrigas grandes e sem barriga, de falas tortas e de nenhuma falas...aqui, dentro desta largueza e deste horizonte, inscreve-se a relação e o cuidado, estabelecem-se os limites e concede-se o necessário apoio, exigente, cuidadoso, amoroso, para o desenvolvimento humano necessário e imperioso de cada um.

#### A ternura

*A ternura:* esta proposta socioeducativa tem a marca do laço que ata e desata, porque nada do que é humano e relacional aqui fica para terceiro plano, nem sequer em nome das “aprendizagens escolares”; aqui vigora e reina a “fortaleza dos laços frágeis” (retomando Ganovetter), do amor e da dádiva dos professores-educadores-animadores; prevalece o diálogo, a exigência e a fortaleza do que dá luta, do que revigora, do que tempera.

#### A autonomia

*A autonomia:* a proposta educativa - e também escolar - que é feita a estes jovens e aos seus “desviados” comportamentos tem de ser trabalhada caso a caso e construída a par e passo, sob o lema da leveza, alicerçada numa aventura que os professores e formadores orientam com rigor e determinação, procurando sempre, até encontrarem, com cada jovem, as pedras onde ela e ele possam fixar os seus próprios pés, as alavancas que poderão proporcionar-lhes crescer na sua identidade, autoestima, autonomia e na sua capacidade de reinserção escolar e socioprofissional.

A procura, a identificação e o desenvolvimento dos talentos que moram em cada um, as mais das vezes escondidos, adormecidos ou esquecidos e até repudiados, deve contar com o apoio de todos os intervenientes e tem de ser obra sobretudo de cada adolescente e jovem. Esperam-nos, por isso, situações e dilemas de difícil resolução.

#### A família

*A família* deve estar sempre no coração da presença temporária dos adolescentes no Arco Maior. Primeiro, a família biológica, que deve ser sempre envolvida e “recuperada” pela tessitura de laços que são feitos pelos seus técnicos e educadores. Em segunda instância, na ausência desta, as famílias de substituição (ou adultos de referência ou “padrinhos”) e, finalmente, o próprio Arco Maior, uma nova “família”, na medida em que cria um ambiente o mais acolhedor possível e estimulador do desenvolvimento de talentos e de autonomia pessoal.

#### A liberdade

*A liberdade:* cada professor e animador pode e deve, em liberdade e com responsabilidade, criar as condições para que cada adolescente possa construir aqui um “projeto de vida”, um itinerário pessoal e social em que verdadeiramente acredite, com a máxima liberdade possível. O Arco Maior é o espaço e o tempo dos recomeços.

O maior bem do ser humano e o nosso maior bem educacional é relacional, tudo o resto é acessório e coadjuvante.

Por vezes também definimos o Arco Maior pela negativa, porque também é um procedimento esclarecedor. Assim, esta proposta-resposta educativa não é:

Não é uma alternativa às escolas já existentes, é apenas um local e um tempo de transição que oferece, a quem já caiu por entre malha de todas as escolas e centros de formação da cidade, o tempo e as oportunidades de se reencontrar e recomeçar, de estabelecer bases minimamente sólidas para um novo itinerário de vida. Este passará, em boa medida, pelo regresso às escolas e aos centros de formação ou pela inserção socioprofissional imediata.

Não se pode, pois, confundir o Arco Maior com qualquer forma de institucionalização, pois radica nesta transitoriedade.

Também não é mais uma escola típica, que tem os seus planos de estudo e metodologias prévia e totalmente desenhados e onde o principal ofício dos professores e educadores é aplicar esses planos. Diante do referencial geral já estabelecido, criámos, plasticamente e com cada adolescente, as dobradiças necessárias e melhor adaptadas à montagem de cada porta: se mais acima ou mais abaixo, se abre para dentro ou para fora, se se implanta no umbral direito ou esquerdo...

Não é também um somatório de profissionais que são atirados, tipo detergente que se atira para dentro da máquina de lavar, para cima de uns meninos estranhos e sujos que vão sair daqui mais brancos; o Arco Maior tem de ir sendo uma equipa coesa de profissionais! Isto leva tempo, muito tempo, por isso tem de ser uma prioridade cultivada desde o primeiro dia. Devidamente adubada e regada! Sem secretismos e grupinhos, num ambiente sempre aberto e responsabilizante.

Concluindo:

Em Portugal, nas pequenas localidades, quando se promove uma festa popular, começa-se por erguer um arco grande, no caminho à entrada da localidade. Este arco é muito colorido, festivo e anuncia a alegria que ali se vive e indica aos forasteiros que ali se vive um momento de festa.

E este Arco Maior, além de significar que nele cabem todos, mesmo os que querem entrar atravessados, na horizontal, também quer dizer que aqui, todos os dias há festa, a festa dos recomeços, a alegria que brota de encontrar pequenos fios que nos podem ligar e religar a nós mesmos e ao mundo, quer dizer que aqui há muita esperança a surgir no meio de conflitos, lutas, contradições, afastamentos e reencontros, quer dizer que acreditamos profundamente nos seres humanos que somos, seres capazes do pior e do melhor, seres convocados para a relação e para uma vida digna.

Estamos ainda no início, é verdade. Só temos quatro anos de caminho, com apenas um deles com a cabeça de fora, à luz. Mas este é um daqueles começos que dá muitos frutos, cem por um.

Joaquim Azevedo, Porto, dezembro de 2013